

E nós sentimos falta da bancada do PT, que diz defender tanto os direitos humanos, defender o direito desse policial que também é um ser humano.

O SR. TEONILIO BARBA LULA - PT - Deputado Gil, é que o senhor não ouviu a minha fala nesta semana. Inclusive, citei o Coronel Telhada, porque ele fez uma fala, dizendo o seguinte: o que aconteceu com o policial Fernando, aconteceu a mesma coisa com ele, a diferença é que os caras estavam armados de pistola, e não de fuzil. É que o senhor não ouviu a minha fala aqui, nesta semana. Eu declarei a minha solidariedade à família.

Na semana retrasada, se não me engano, eu disse aqui: “eu acho que a Polícia Militar tem que enfrentar o crime organizado, tem que cortar a cabeça, de maneira dura, sempre dura”. Agora, nós vamos enfrentar o debate da letalidade e do genocídio dos negros deste País. Vamos enfrentar o debate, qualquer coisa que fizerem quando houver a vida de um inocente envolvida. Eu já disse aqui, nesta tribuna, que a vida do policial é dura.

Eu tenho um amigo policial, nasceu na cidade que eu moro, mora na minha rua, e ele não sai da casa dele fardado. Ele é cabo. Não vou nem falar o nome dele aqui. Ele não sai da casa dele fardado, porque se ele sair fardado, está arriscado a ser morto no transporte, como diz aqui o Major Mecca do traslado, ele está arriscado a ser corrompido ou a se corromper, e está arriscado a matar um inocente ou matar um bandido. Então, ele vive em alta tensão o tempo todo.

Já disse aqui, por exemplo, que uma das coisas que nós temos que combater, além de melhorar o reajste do policial, é combater que ele trabalhe na folga. Para que é a folga do policial, já que ele vive num momento de alta tensão, de alta periculosidade? É para ele poder descansar, deitar a cabeça na sombra ou em algum lugar, e poder descansar. Já disse aqui, desta tribuna, aquilo que o Major Mecca acabou de falar aqui. Eu conheço policiais, e não tem vila para os policiais morarem. O policial mora em qualquer lugar. Ele mora penudando onde dá.

Então, deputado Gil, tem que olhar e prestar atenção. Acontece que vocês querem botar na conta, por conta do enfrentamento que nós fazemos quando a polícia tem a letalidade com pessoas inocentes. E tem vários casos. Não sei se é intencional ou não, vocês sabem que tem, e sei que a polícia também não concorda com isso, porque também afeta vocês.

Então, é um trabalho que tem que ser feito a duas ou três mãos. Eu visitei o 6º Batalhão do ABC. O coronel Faria é meu amigo pessoal. A gente conversa e tem convivência há muito tempo, da relação do sindicato com a polícia. Ele mostrou lá todas as péssimas condições de trabalho que tem. Prédio do batalhão, mal cuidado e caindo, bebedouro faltando água, banheiro que falta papel, tudo isso, nós fizemos denúncia.

Agora, não vou exigir que a polícia saia atirando e matando todo mundo, mas a polícia, se estiver enfrentando um cara com fuzil, tem que se defender, se estiver enfrentando um cara com a pistola, tem que se defender. E isso aqui vocês nunca viram o PT falar contra. O coronel Conte Lopes é antigo aqui e sempre ouviu a gente falar isso. Nós nunca fugimos desse debate, nunca fugimos. Então, nós vamos defender os direitos do policial, enquanto classe trabalhadora, mas não vamos defender a letalidade.

Agora, quando está enfrentando bandido, eu não sou da polícia, vocês é que são e têm que saber como se defende lá, certo? Então, quero declarar essa solidariedade, em nome da bancada do Partido dos Trabalhadores estou dizendo aqui.

Então, esse era um assunto que eu queria tratar. O último assunto que eu quero falar ainda é dos projetos que nós vamos discutir nesta Casa, que encerrou o debate. O Projeto 01 encerrou o debate aqui nesta Casa, esgotaram as seis horas de debate. O Carvão se comprometeu de não pautar e não discutir o projeto enquanto não achar uma maneira melhor de a gente identificar todos os problemas.

Eu tenho que ouvir e, minimamente, acreditar e confiar nisso. Não é? Que ele vai tentar achar essa solução, para ver como a gente discute o caso de cada empresa, de cada trabalhador, de cada trabalhadora. Eu estarei atento com relação a esse projeto, porque estão tentando construir emenda aglutinativa. Eu peguei uma cópia, não sei se era a verdadeira cópia da emenda aglutinativa, Coronel Telhada, que separa o bloco de seis empresas em duas empresas, mas o cabeçalho continua o mesmo, então não detalha o que a gente vai fazer com cada questão.

Eu, na minha opinião, se eu fosse líder do governo, chamaria a Codasp, chamaria a Emplasa, chamaria a Imesp e a Prodesp, chamaria todas. Ou chama através de associação dos trabalhadores, ou através dos sindicatos, para tentar construir uma saída que pelo menos preserve alguns direitos.

Quais são os direitos? Têm pessoas em vias de aposentadoria. Têm pessoas que são novas, que iniciaram agora. Estão falando: “olha, pessoal pode ser realocado”. “Pode ser realocado”. Pode ser onde? Se você escreve “as pessoas serão realocadas”, “as pessoas serão transferidas para outro local”, “as pessoas terão um emprego”. Não está escrito isso. Está escrito “poderão”.

Então, eu estou atento a esse debate. Quero dizer que vocês podem contar conosco. Agora, peço para vocês que com muita educação, com muita tranquilidade - eu sei que vocês têm -, procurem cada deputado, conversem com cada deputado. O que estou dizendo, assim, senão alguém vai dizer que o deputado Barba está pedindo para pressionar os deputados.

Então, procure cada gabinete, do PSL, do Novo, do PTB, do PDT, do PT. Converse com cada deputado e explique, detalhe a situação. Há o envolvimento de 3.800 trabalhadores que perderão o emprego com a extinção das seis empresas. Os 3.600 todos perderão? Não, porque duas vão ser juntas. Só uma parte perde o emprego. Então, eu aconselho vocês a não parar de fazer essa missão de visitar os gabinetes, mas sempre com muita tranquilidade, porque eu os conheço. Quero parabenizar vocês pela luta.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE - GILMACI SANTOS - PRB - Obrigado, nobre deputado. Convidamos agora, por permuta, o nobre deputado Coronel Telhada.

O SR. CORONEL TELHADA - PP - Sr. Presidente, senhores deputados, retorno a esta tribuna. Eu não viria fazer o horário hoje do Grande Expediente, mas estou aqui por causa... Eu ia responder primeiro para a deputada Janaina, mas quero começar a falar com o deputado Barba, que está no plenário.

Eu quero concordar com ele quando ele fala que todas as necessidades, não só da polícia, dos funcionários públicos, que chegam nesta Casa... Quero deixar bem claro. Aliás, já falei isso em vários discursos. Não só o PT, os partidos de esquerda sempre têm apoiado todas as necessidades que têm surgido aqui para o funcionalismo, entre eles a Polícia Militar.

Agora, conheço também o Barba e sei do apoio dele à Polícia Militar da região do ABC, sei que ele é amigo nosso, amigo dos coronéis, e desculpe, deputado, mas eu sei que o senhor vai fazer um discurso aqui ideológico. Estava o seu funcionário filmando aqui. Até entendo isso, mas duvido que o senhor pense assim. Duvido.

Duvido porque o senhor sabe, o senhor mora em um lugar que tem bastante crime, como nós moramos, na periferia e somos envolvidos pela nossa família, que acaba sendo vítima da criminalidade. Então, vir aqui fazer um discurso ideológico vale para a sua população, a sua assistência, mas eu não consigo conceber uma pessoa que venha a acreditar que bandido é vítima neste País.

Esse papo de negro pobre da periferia é mais velho do que andar para frente. Não funciona mais. Acabou esse papo. A grande maioria da Polícia Militar, senhores e senhoras deputados, é feita de negro pobre da periferia. A grande maioria dos policiais mortos pelo crime, não só em São Paulo, em todo o Brasil, é negro pobre da periferia.

Aliás, eu não vi nenhum defensor de Direitos Humanos, nenhuma ONG vir defender. Não nesta tribuna, mas em qualquer lugar. Jamais se apresentam. Jamais. Então, esse papo que a polícia mata é brincadeira. Eu queria saber da onde tirou isso. Eu fiz um levantamento, e isso é uma mentira. Por incrível que pareça, deputados, hoje a maioria dos criminosos que são mortos pela polícia, não são negros.

São brancos. Porque, hoje, a criminalidade pesada, o crime organizado - é só perguntar para os outros dois deputados que são policiais - não está na baixa renda. Está na média e na alta renda. Porque esse é o crime organizado. Certo, Mecca? Certo, Conte? Então, essa história da letalidade da polícia é para inglês ver. Temos que combater a letalidade do crime.

É isso que temos que combater. Porque, quando morre um soldado, um coronel, um capitão, um cabo da Polícia Militar, quem perde não é a Polícia Militar, não é a família do policial, quem perde é o Estado. Porque esse homem, essa mulher, é treinado. O Estado paga para ele defender a sociedade. Quando ele morre, fora o lado humano e tudo o mais, o Estado perdeu. É inadmissível perdermos um homem, uma mulher das forças de Segurança.

Vir falar em letalidade policial, quando tivemos dois policiais mortos nesse final de semana - aliás, um com mais de 66 tiros de fuzil - é absurdo. Me perdoe, o senhor sabe a consideração que tenho por Vossa Excelência. Você sabe disso. Mas, vir falar do caso do Rio de Janeiro, que foi uma fatalidade, onde aquele cidadão morreu com 80 tiros, aquilo é uma fatalidade. Não tem nada a ver.

O que acontece é o seguinte: a Polícia Militar, quando acontecem ocorrências que são duvidosas, que têm algum problema, a Polícia Militar corta na própria carne. De imediato, ela toma as providências. Tenha certeza disso. A nossa Corregedoria vai atrás e apura. E é uma das corregedorias mais enérgicas do Brasil. Tenha certeza disso. Se V. Exa. quiser, até marco, um dia, um café com o coronel Marcelino. Vamos lá para que V. Exa. conheça os dados da Polícia Militar.

Então, gente, pelo amor de Deus, parem com esse discurso de letalidade da polícia. O povo não quer mais isso. O povo quer bandido na cadeia. Se ele puxa a arma para a polícia, ele tem que tomar tiro e morrer, sim. Porque é uma boca a menos para o povo pagar. Tem que entender isso.

O povo quer tranquilidade. O povo quer levantar de manhã, sair para o serviço, voltar, ir para a escola, ir para a igreja, e voltar à noite para a sua família. É isso que o povo quer.

Nenhum policial militar sai de casa falando: “Opa, hoje eu vou matar três bandidos, vou matar dois bandidos.” Isso não existe, gente. Só na cabeça de quem pensa o que não deve - para não falar outra palavra - existe uma coisa dessa. Temos aqui dois oficiais, além de mim, que se envolveram em dezenas de ocorrências de morte. O capitão Conte, inclusive, tem duas promoções por bravura. Eu tenho uma.

Fui baleado duas vezes por criminosos. Sofri um atentado na porta de casa. Tomei 11 tiros na porta de casa. Não morri porque Deus não quis. Falo, sim, da letalidade do crime. Agora, letalidade da polícia? Ela é, simplesmente, um reflexo da letalidade do crime. Quando um policial mata um criminoso, é porque ele é criminoso, estava armado, atirou na polícia. Sinto muito. Se houve excesso, ele será apurado. Tenha certeza disso.

A Sra. Deputada - pena que não está presente - Janaina Paschoal comentou da minha PEC, a PEC nº 07, de 2019, que fala da emancipação do Corpo de Bombeiros. Sou muito ético, os senhores sabem disso. Muito respeitador, eu respeito demais as pessoas. E eu procuro não falar de assuntos que não entendo. Por exemplo, se vierem discutir Saúde comigo, eu não sei: não sou médico. Se vierem discutir Educação, eu não sei: não sou da área, não sou professor.

Mas, de polícia, modéstia à parte, o tio entende. E entende muito bem. Porque estive em combate, na rua: 33 anos de combate na rua. Combatendo, tomando tiro e dando tiro em ladrão. Cansel de fazer isso, e tenho as marcas no corpo para mostrar para quem quiser ver. Agora, de polícia, eu entendo. Quando se fala em Polícia Militar, a Polícia Militar de São Paulo é a única, no mundo, que o Corpo de Bombeiros é subordinado, gente. É a única no mundo.

Ou seja, segundo o depoimento da Sra. Deputada, a Polícia Militar está certa e o resto do mundo está errado. Conheço a Polícia e sei o que estou falando. Se eu trouxe essa PEC para esta Casa, foi porque o próprio bombeiro me solicitou. Há 70 anos o Corpo de Bombeiros tenta se emancipar. Há 70 anos; 72, começou em 1947. Então, não estou falando uma coisa porque é bonito.

Aliás, o que ela falou, que, se a gente tirar o Corpo de Bombeiros da Polícia, a Polícia vai perder o que mesmo? Não lembro a palavra que ela usou. “O bombeiro perde o prestígio.” Que “perde o prestígio”? O bombeiro tem a luz própria, tem brilho próprio. O bombeiro não precisa da Polícia Militar para ter prestígio. E a Polícia Militar, abrindo mão do bombeiro, não vai perder o prestígio.

Porque o prestígio tem que ser para o soldado de radiopatrolha. Aquele homem, aquela mulher que, nesse momento, estão patrulhando as ruas de São Paulo. Os dois policiais, sozinhos, quando não estão num carro, numa moto, num cavalo, a pé, esses têm que ser prestigiados. Porque ganham uma porcaria de um salário.

Então, temos que emancipar o bombeiro até por causa disso. Para a Polícia Militar valorizar os seus policiais militares patrulheiros. Acompanhamos estudos que foram feitos pela USP, deputados. Para a gente não falar que a gente é apaixonado pelo assunto em 1999 uma PEC do deputado Vaz de Lima, ele fez uma PEC também, em 99 mandaram essa PEC para a USP estudar. E aí a USP concordou com tudo que foi apresentado na PEC. Só não concordava com duas coisas. Primeiro, que o Bombeiro ia ficar muito forte porque ia ser uma força independente. Poxa, qual é o problema do Bombeiro ser forte? Eu quero mais é um Bombeiro forte mesmo. E segundo, vai ser mais uma instituição militar. Gente, para de pensar que militar é inimigo do povo. Somos aqueles que damos a vida pelo povo, nós nos sacrificamos pelo povo.

Deputada Janaina, é uma pena que V. Exa. não esteja presente para mostrar para a senhora. Até mando a PEC para a senhora estudar. A senhora falou que, em 2003, a senhora estava na Secretaria da Segurança Pública. Já se passaram 16 anos. Eu não sei quem a senhora ouviu, se foi a tropa, se foram os oficiais, mas se nós fizemos isso, não foi ideia nossa, não foi estalo, foi porque o próprio pessoal solicita. E realmente, quando a gente fala na PEC, algumas pessoas têm medo. Tem medo de perder o prestígio policial militar, que não vai mais poder ter arma, não vai... Não vai mudar nada para a tropa, não vai mudar nada para os oficiais. Eles serão Corpo de Bombeiros Militares do Estado de São Paulo com todos os direitos e prerrogativas de funcionários públicos militares estaduais.

Então, pessoal, antes de falar alguma coisa, vamos dar uma olhada, conversa com a gente. Repito, eu não entendo de Educação. Não falo do assunto sem conversar com o deputado que entende antes. Não entendo de Saúde. Também não vou falar desse assunto. Eu procuro conhecer os assuntos e me informar com as pessoas que conhecem. E de Polícia eu repito, modéstia a parte, o tio aqui entende muito de Polícia. Se a gente está pedindo isso, é porque é necessário. O Estado precisa mudar a sua engenharia de Segurança Pública. Precisamos de uma nova figura de Segurança Pública, com uma Polícia forte, com um Corpo de Bombeiros forte, para que a gente possa englobar os Corpos de Bombeiros municipais, os Corpos de Bombeiros particulares, civis no caso. O bombeiro tem muito coisa para fazer. O nosso governador João Doria assinou a lei sobre o poder de polícia, que para o bombeiro foi ótimo. Isso porque os bombeiros não podiam fiscalizar os locais. Agora ele pode, tem poder de polícia, ele fecha, ele multa. Melhorou, mas nós precisamos sim de um Corpo de Bombeiros totalmente independente. Um

Corpo de Bombeiros que tenha vida própria, para que possa fazer as suas necessidades, os seus estudos, as suas escolas, porque do jeito que está, ele está totalmente travado. Quem perde? Quem perde é a população por não ter um bombeiro de melhor qualidade e uma Polícia de melhor qualidade. Então, eu peço mais uma vez aos Srs. Deputados e Sras. Deputadas, para que conheçam a PEC 07/19, que fala da emancipação do Corpo de Bombeiros. E por favor, nos ajudem nessa votação para que nós tenhamos um povo mais tranquilo, um povo mais seguro e uma cidade e um estado de São Paulo em melhores condições de serem atendidos pelo Corpo de Bombeiro Militar e pela Polícia Militar do Estado de São Paulo. Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - GILMACI SANTOS - PRB – Obrigado, deputado. Convidamos agora a nobre deputada Isa Penna, por permuta.

A SRA. ISA PENNA - PSOL - Bom, como diria Roberto Carlos, são tantas coisas, não é? Foram algumas coisas proferidas aqui nesta tribuna. A primeira coisa, um absurdo. E, na verdade, eu quero me lamentar pela pessoa infeliz que é, e é obrigado a ser preconceituoso com aquilo que se é. Isso deve ser de uma violência psicológica gigantesca.

Do que será que os homens têm tanto medo? Por essa necessidade de criminalizar, de ofender o movimento feminista, de ofender o movimento da negritude, do movimento LGBT. Eu me pergunto aos senhores por que será, de onde vem essa necessidade de ofender? E você sabe que psicologicamente falando são um bando de homens com uma masculinidade deste tamanhinho. São homens que, na verdade, se proibem sequer de pensar em algumas coisas. Sexualmente, inclusive, esse povo aí toma tudo remédio, não é, como se tivesse cura, acredita mesmo na cura gay.

Alguns, não. Alguns são só hipócritas mesmo, a gente sabe. Mas, outros, de fato, acreditam nisso. E isso deve ser muito triste. Quero me lamentar aqui profundamente pela vida de alguém que seja obrigado a fazer esse processo de autorrepressão.

Porque o movimento feminista, o movimento LGBT, o movimento da negritude, dialoga por direitos e luta por direitos democráticos de pessoas que não têm direitos democráticos.

Por isso que o que a gente vê é, de forma inconsciente, o medo de perder o espaço. Então, no final das contas, vocês todos têm medo. Vocês todos têm medo do que o movimento de mulheres pode fazer com o mundo.

“Nossa Senhora, um parlamento com maioria de mulheres. Imagina só.” Eles têm medo. Eles têm medo de um parlamento com 50% de negros e negras. Eles têm medo. Eles têm medo que esta Casa, algum dia, seja composta e seja representativa da base da pirâmide, daqueles que trabalharam para construir isto aqui, para construir os melhores hospitais e as melhores escolas, mas que não têm os seus filhos acessando essas escolas e acessando esses hospitais. Um bando de medrosos.

Por fim, eu queria dizer assim: qual é o medo, qual é a obsessão, do deputado Frederico d’Avila. E, aí, assim, eu, geralmente, sou da linha de debater sempre na ideia, para que os deputados saibam. Mas, está me estranhando, sabe, gente? Queria chamar a atenção dos deputados aqui para uma coisa.

Deputado Frederico d’Avila, eleito com 24.700 votos, deputado Frederico d’Avila, presidente da Sociedade Brasileira dos Ruralistas, cheio de terra, cheio da grana, e tal, por que ele quer tanto o fim de todos os órgãos fiscalizadores de Direitos Humanos? Por que ele tem tanto...

Por que o deputado Frederico d’Avila tem medo dos Direitos Humanos? Será que é porque ele não considera todos seres humanos? Será que é porque ele não vê, igual eu vejo, igual o deputado Barba vê, igual a deputada Bebel vê, que somos todos iguais? Somos plebe. O povo não é as mulheres, as negras, os negros? As mulheres trans não são dignas de direito nesta sociedade?

E eu quero falar agora com as mulheres que estão me ouvindo em casa. Não tenham medo. Você tira uma casca e vai tirando casca, e eles crescem para cima de você.

Cresce para cima deles, porque, aí, eles ficam com medo. Eu quero dizer que a questão de um debate necessário a ser feito sobre Segurança Pública aqui não está desconectado do debate do feminismo, que quer defender a vida das mulheres, porque nós estamos falando de taxas altíssimas de mulheres que são estupradas.

E a maior parte das mulheres é estuprada por pessoas da família e por pessoas que conhecem a família. Sabe o que isso nos diz? Isso nos diz que o agressor não é um monstro que vive lá numa caverna, que está à espreita nas esquinas das ruas da cidade.

Não. O estuprador e o agressor é muito mais próximo, é muito mais concreto do que se imagina. E é por isso que essa cultura violenta, essa cultura hipócrita, essa cultura triste, essa cultura empoirada que rege os Paramentos brasileiros precisa cair. Que se recusa a olhar para os debates, como o debate da legalização das drogas.

Coronel Telhada, quero dialogar com ele. Eu sou a primeira a dizer: não vou aceitar que dividam aqueles que defendem os direitos humanos e aqueles que defendem os direitos dos policiais. Mas é verdade, sim, que hoje nós temos um sistema carcerário em que 40% dos presos estão sem sentenças, são presos provisórios. É verdade, sim, que 60% dos presos estão envolvidos com o tráfico de drogas. São tipificados pela Lei Antidroga, que foi uma lei de 2006, aprovada no primeiro governo Lula, um grande erro, na minha opinião, desse governo, porque, na verdade, empoderou os grandes barões que estão por trás do tráfico de drogas. São jovens de 18 a 24 anos, a maioria negros que lotam as prisões brasileiras. Não venha me dizer que esse jovem é mau. Não venham enganar as pessoas, não venham estereotipar as pessoas, só porque vocês são brancos, vocês são homens, vocês são ricos, e o resto não é gente? O resto não é gente? Pois eu estou do lado do policial negro que está morrendo, que está se suicidando. Por isso eu apio a pesquisa que a Ouvidoria da Polícia Militar quer fazer para investigar o suicídio entre os policiais, que é um tema gravíssimo e que merece a nossa atenção.

Por isso que eu estou a favor de aumentar o salários dos praças, daqueles policiais que têm a maior taxa de morte e que morrem fora do serviço, porque têm que ter dois empregos, porque só com o salário que ganham, hoje, não se sustentam. Essa é a realidade.

Então, não venha me dizer que está ultrapassado o papo de negro, movimento negro, movimento feminista. Ele nunca foi tão atual, porque nunca se encarcerou tanto na História da Humanidade, porque o Brasil está entre os cinco maiores países que encarceram jovens no mundo. E 40% desses encarcerados são presos provisórios. Não têm sentença.

Então, eu quero perguntar e quero dizer, principalmente para as pessoas que estão me ouvindo, que os temam. As pessoas me perguntam muito como é que tenho coragem de ter vindo parar aqui e de enfrentar isso todos os dias. É porque quando você vê uma vez a cara desses hipócritas que vêm aqui defender esse tipo de projeto, você vê que são fracos, são fracos. Sozinhos, eles não aguentam.

A SRA. PROFESSORA BEBEL LULA - PT - Sr. Presidente, eu quero falar pelo Art. 82.

O SR. PRESIDENTE - GILMACI SANTOS - PRB - Nobre deputada, nós estamos aqui... então não há mais tempo para nosso Grande Expediente, que estamos encerrando, nesse momento, o Grande Expediente.

Está encerrado o Grande Expediente.

Tem V. Exa. para falar pelo Art. 82, pelo?

A SRA. PROFESSORA BEBEL LULA - PT - Vice-liderança da Minoria.

O SR. PRESIDENTE - GILMACI SANTOS - PRB - Vice-liderança da Minoria, tem V. Exa. o tempo regimental de cinco minutos, pelo Art. 82.

A SRA. PROFESSORA BEBEL LULA - PT - PELO ART. 82 - Muito obrigada.

Boa tarde, Sr. Presidente; Mesa que compõe os trabalhos; também as assessorias do lado direito e do lado esquerdo; senhores e senhoras deputadas e deputados; assim como cumprimento também o público presente, os lutadores da Emplasa, enfim, todos aqui que se encontram neste plenário, de forma renitente fazendo a luta que tem que ser feita, que é a luta pelo convencimento. Eu quero também cumprimentar a todos que nos assistem por meio da TV Assembleia. É sempre uma honra estar aqui e alguém estar prestando atenção no que os deputados estão falando.

Quero dizer algumas coisas, deputado Telhada. É verdade que, quando o senhor toca na questão da letalidade, do debate que se faz nesse sentindo, necessariamente, a gente não é obrigado a ter o mesmo método de entender as coisas.

Quero dizer ao senhor, com certeza, que os Direitos Humanos não têm... Estou de forma muito fraterna, porque aprendi a conviver com o senhor, aprendi a entender que o senhor respeita, inclusive, a nós, professores. Em todos os momentos que fala, também dá uma esticadinha para os professores e nós também falamos dos policiais. Estamos aí, um morrendo de dar aula e o outro morrendo nas ruas, para proteger. São mesmo parecidos, são humanos de qualquer maneira.

Mas quando a gente toca em Direitos Humanos, não tem classe social para nós. Não tem profissão. São Direitos Humanos. Se a gente souber que estão matando policial com 80 tiros, de forma injusta, seja por qual organização for, é claro que a gente é contra. Não posso ser favorável a isso, pois são policiais. Da mesma forma, é o que acontece quando um civil é morto por policial também. São questões iguais. Não há que haver diferença.

Mas não quero me ater a esse assunto, pois, como disse o Coronel Telhada, o “titio” conhece muito bem. Como ele conhece bem, vamos acompanhar aquilo que ele apresentar para nós nesta Casa, não é, deputado Barba?

Mas quero tocar em um assunto que, aí sim, dialoga com meus colegas que estão ali, funcionários públicos da Emplasa, e até com policiais, que estou vendo que também estão presentes.

Quero dizer o seguinte: o Governo do Estado de São Paulo caminha na linha da privatização. Eu falava isso ontem. Tem um método que eles criaram que se chama MMR. Olha que absurdo, olha que nome. Mas isso já estava na gestão Aickmin e nós conseguimos segurar, mas agora o governador Doria colocou na pauta de novo.

O que é esse MMR? Está pegando dinheiro público e passando para a iniciativa privada por fora, sem nenhum debate com esta Casa e com a sociedade. Quero dizer o seguinte: quem não quer um método de melhoria de resultados? Nós queremos. Mas por que não pode ser mais bem valorizado aquele que está nas salas de aula? O professor, a professora, aquela que está na sala de aula, os alunos. A gestão democrática não pode ser melhorada? Por que tem que pegar uma empresa de fora para fazer avaliação e medir o resultado por fora?

Isso aqui vai dar encrenca. Vai dar encrenca. Sabe qual é a encrenca? Os professores querem debater a greve na Rede Estadual de Ensino, porque não aguentam mais tanto pacote de cima para baixo e zero de reajuste salarial. Não tem dinheiro? Não é verdade. Tem dois bilhões e 500 milhões parados no Fundeb, mas o governador Doria pega esse dinheiro e faz o seguinte: joga para a iniciativa privada. É um erro. Não fortalece o público. Tenho certeza de que essa categoria tem condições de dar a resposta.

Por isso, chamo a atenção de todas e todos: não se surpreendam se sair uma greve daqui a pouco. A greve é tão somente porque não tem tido diálogo com esse governo. Ele tem feito tudo de cima para baixo. A resposta vai ser ao contrário: de baixo para cima.

Muito obrigada.

O SR. CARLÃO PIGNATARI - PSDB - Havendo acordo de lideranças, eu vou pedir o levantamento da sessão, após a fala do deputado Major Mecca.

O SR. PRESIDENTE - GILMACI SANTOS - PRB - Para uma?

O SR. CARLÃO PIGNATARI - PSDB - Comunicação.

O SR. PRESIDENTE - GILMACI SANTOS - PRB - Há acordo então de levantamento entre os líderes?

O SR. CARLÃO PIGNATARI - PSDB - Há acordo, isso.

O SR. PRESIDENTE - GILMACI SANTOS - PRB - Sras. Deputadas, Srs. Deputados, havendo acordo de lideranças, esta Presidência, antes de dar por levantados os trabalhos, convoca V. Exas. para a sessão ordinária de amanhã, à hora regimental, sem Ordem do Dia, lembrando-os, ainda, da sessão solene, a realizar-se amanhã, às 10 horas, com a finalidade de homenagear os Conselhos Comunitários de Segurança - Consegs.

Está levantada a sessão.

- Levanta-se a sessão às 16 horas e 35 minutos.

10 DE MAIO DE 2019 38ª SESSÃO ORDINÁRIA

Presidência: JANAINA PASCHOAL e GIL DINIZ Secretária: CORONEL TELHADA

RESUMO

PEQUENO EXPEDIENTE

1 - JANAINA PASCHOAL

Assume a Presidência e abre a sessão.

2 - MAJOR MECCA

Comenta vídeo, a seu ver premeditado, de crítica do governador João Doria a esse parlamentar. Afirma que deve dar voz aos anseios de policiais militares. Lembra diálogo com o vice-governador, Rodrigo Garcia. Defende a recomposição salarial para a categoria, prometida em campanha eleitoral. Comenta dificuldades financeiras a afetar a qualidade de vida de soldados. Tece considerações sobre a coragem e a lealdade. Lamenta o suicídio de dois policiais militares na mesma semana.

3 - CORONEL TELHADA

Informa que hoje homenageia-se o capitão Alberto Mendes Júnior, assassinado por Carlos Lamarca. Comenta a ocorrência. Anuncia que hoje comemora-se a Arma de Cavalaria. Discorre acerca da exposição de arte “Construir uma Nova Era”. Tece considerações sobre os 20 anos do jornal “Semanário da Zona Norte”. Lembra sessão solene realizada nesta data, em homenagem aos Conseg - Conselhos Comunitários de Segurança. Manifesta preocupação com fake news.

4 - GIL DINIZ

Faz coro ao pronunciamento do deputado Major Mecca. Crítica o governador João Doria. Lembra luto pela morte do policial militar Fernando Flores, assassinado. Reitera a defesa das forças policiais. Lamenta o não cumprimento de promessa de valorização salarial para a categoria.

5 - CARLOS GIANNAZI

Discorre acerca da base da GCM - Guarda Civil Metropolitana, abandonada há mais de dois anos, nas proximidades da Emei Carlos Eduardo Aranha. Revela que há assaltos nas adjacências. Clama pela retomada das atividades de segurança na região. Exibe vídeo sobre assalto em frente à citada instituição de ensino. Roga ao governador João Doria e ao prefeito Bruno Covas